

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

ANO 0 D.C.: MUTAÇÕES NO HABITAT URBANO

Nuno Grande

Tenho assistido a diversos debates sobre as possíveis mutações no habitat urbano resultantes da pandemia de COVID-19. Só ao longo deste ano 0 d.C. – como lhe chama um colega bem-humorado –, começaremos a perceber melhor essa cidade depois-da-COVID, à luz das dinâmicas urbanas que conhecíamos a.C.

Alguns referem que nada mudará substancialmente: voltaremos ao *business as usual*, e o real será apenas um pouco pior, um pouco mais iníquo para os idosos, doentes crônicos, sem-abrigo, etc. Outros descrevem um caminho para a distopia urbana, no qual abandonaremos as cidades densas, os edifícios coletivos, os espaços públicos massificados, em busca de um casulo onde possamos isolar-nos, entre a família e o (tele)trabalho, entre o medo do “outro” e a obediência à vigilância sanitária “deles” (o Estado). Nessa visão pós-apocalíptica, o ano de 2020 terminará em 1984 – o de George Orwell.

Uma terceira visão afirma que esta é a oportunidade de alcançarmos aquilo que, até agora, era apenas uma utopia ecológica: o fim da predação dos recursos naturais e a imediata descarbonização do planeta, sendo evidente que este beneficiou com os nossos meses de confinamento.

Não afianço certezas considerando a resiliência das cidades, mas pressinto que assistiremos a uma conjugação variável dessas visões. A urbanização neoliberal aproveitará decerto a polarização de posições: aqui e ali, haverá um novo *sprawl*, motivado pela fuga dos mais cétricos para regiões isoladas (salvando-as

ironicamente da desertificação?); aqui e ali, anunciar-se-ão novos bairros e edifícios mais adaptados à economia verde.

Interessam-me mais as opções daqueles que continuarão a viver, militantemente, na cidade densa, cosmopolita, conflitual. Apenas aí, se poderá construir a alternativa em que acredito: uma cidade mais compartilhada, no espaço e no tempo, pela coesão intersocial, intercultural e intergeracional. No habitar, o indivíduo terá lugar para o seu confinamento (se dele precisar), mas nos restantes espaços residenciais comuns – salões, pátios, terraços, jardins –, ele dividirá usos e custos com os seus vizinhos, com base em valores justos (*cohousing*); no trabalhar, se possível melhor articulado com o habitar, os recursos coletivos deverão ser também mais repartidos e otimizados (*coworking*).

No espaço público, haverá lugar privilegiado para o peão e para as mobilidades suaves (ex. *cycling*), sem deixar de se reforçar o transporte coletivo e o uso partilhado, em segurança, do transporte próprio (ex. *eCar-sharing*). Os equipamentos serão de todos, embora adaptáveis ao isolamento e tratamento de cada um, em caso de novas pandemias. E não só o espaço será flexibilizado; também o tempo qualitativo (não o quantitativo) se baseará na partição dos modos de trabalho, horários e movimentos pendulares, evitando inúteis deslocações e horas de ponta. Esta alternativa será um passo para a requalificação do *habitat* urbano, mas sobretudo para um renovado “direito à cidade”.